

Senado recebe cópia do acordo

Governo vai enviar amanhã documento aos líderes de partido no Legislativo

BRASÍLIA — Os líderes dos partidos no Senado receberão amanhã cópias da proposta de renegociação da dívida externa. Ao mesmo tempo, em Nova York, a proposta estará sendo apresentada por uma missão técnica brasileira ao Comitê Interino dos Bancos Credores. O governo espera que os senadores interpretem a medida como uma forma de reconhecer o prestígio do Legislativo. Caberá ao Senado aprovar, ou não, um acordo que venha a ser acertado com os banqueiros.

De hoje até sexta-feira, a missão brasileira se reunirá com os representantes dos mais de 600 bancos credores do País, dando início às negociações para o refinanciamento de uma dívida de quase US\$ 80 bilhões (Cr\$ 7 trilhões). O grupo é liderado pelo embaixador especial da Dívida Externa, Jório Dauster, e pelo secretário especial de Política Econômica, Antônio Kandir. A missão é composta por mais seis técnicos, entre eles o ex-diretor da Área Externa do Banco Central, Carlos Eduardo de Freitas, atualmente assessor especial da ministra Zélia Cardoso de Mello.

O dia de hoje será dedicado a detalhada exposição sobre o Plano Collor, que será feita por Kandir. As negociações só serão iniciadas amanhã, com a apresentação da proposta brasileira, fechada neste final de semana prolongado. Os detalhes do plano foram cuidadosamente guardados pela equipe de negociação. A ministra Zélia Cardoso de Mello, revelou apenas que o Brasil tentará incluir uma cláusula de revisão do acordo se os preços do petróleo no mercado internacional não caírem em meados de 1991.

O plano brasileiro obedecerá a dois preceitos básicos: o refinanciamento da dívida não poderá trazer mais inflação nem limitar o crescimento da economia do País. A proposta deverá ainda incluir o pagamento de parte dos juros — interrompido desde junho de 1989. Hoje os atrasados estão por volta de US\$ 8 bilhões (Cr\$ 700 bilhões).



Ailton de Freitas/AE

Zélia: acordo pode ter revisão se os preços do petróleo não caírem no mercado internacional até 1991.